



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

WERIKA BARBOSA LOURENÇO

**O RECURSO VISUAL COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NA
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA SURDOS**

Orientadora: Prof. Ms. Edneia de Oliveira Alves

JOÃO PESSOA

2015

Werika Barbosa Lourenço

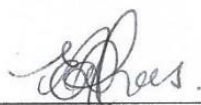
**O RECURSO VISUAL COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NA CONTAÇÃO
DE HISTÓRIA PARA SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Edneia de O. Alves

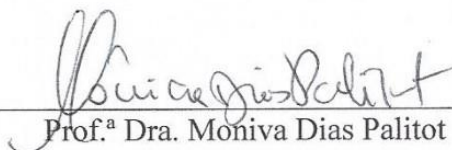
Aprovado em: 03 / 12 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms.^a Edneia de Oliveira Alves

Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dra. Moniva Dias Palitot
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O processo de elaboração do presente artigo baseou-se na importância educacional de ensino aprendizagem adaptada para o sujeito surdo, visando suas habilidades visuogestuais. A pesquisa foi realizada na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD), na sala de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Visando uma aprendizagem significativa do aprendiz. Com estes parâmetros, este artigo foi construído tendo em vista os seguintes objetivos: motivar o interesse pela leitura, promover a leitura visual do conto através do recurso visual, observar o interesse dos participantes pela representação imagética, analisar se a representação imagética contribui para a lembrança da ordem dos acontecimentos e para a compreensão da mensagem do conto. Tendo como objetivo geral da pesquisa, verificar a pertinência da representação imagética na contação do conto: “Não somos figurinhas”, da autora Claudia Werneck. Neste trabalho, o instrumento interventivo utilizado foi contação de história, enfatizando o recurso visual como principal facilitador na aprendizagem de alunos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Entende-se que o trabalho visual como ferramenta para ensinar, é a base para a aprendizagem acontecer naturalmente de maneira que o sujeito surdo processe a informação de forma clara e objetiva sendo então a base para educação bilíngue em sala de aula. Constatou-se com a elaboração desse artigo que a utilização do recurso visual como instrumento interventivo psicopedagógico é uma ferramenta pertinente, não só para servir como apoio para construção de um ensino mais humanizado ao surdo, mas também para atender suas especificidades de aprendizagem.

Palavras-chave: Recurso visual. Sujeito surdo. Contação de história. Intervenção Psicopedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A concepção deste artigo surgiu a partir da necessidade de aprofundamento do tema, uma vez que o mesmo possui poucos estudos relacionados com a área na psicopedagogia ligada diretamente à surdez. Relata a experiência de um trabalho com a contação de história para surdos em uma sala do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia de ensino para surdos usuário da Libras; encontra-se em debate e diversas indicações tem-se encontrado na literatura da área da surdez. Sendo assim, a questão que permeou esta pesquisa sobre a maneira de trabalhar a contação de história para esse público, partiu da hipótese de que os alunos surdos usuários da Libras necessitam que a história seja narrada em sua língua natural, com o apoio da representação imagética, para contribuir com a melhor compreensão do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, despertando o interesse e a imaginação desse público.

Segundo Art. 2º do decreto nº 5.626 (BRASIL) considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

O surdo é a pessoa que tem déficit na audição. Essa é uma denominação aceita hoje pela comunidade de surdos, por compreender que não escutar não significa ser incapaz de se comunicar, mas ter limitações para a fala oral. A partir dessa perspectiva, assume-se que o surdo é diferente, e não, deficiente, no sentido pejorativo da palavra. Ao falar de surdos, hoje, se está falando de algumas pessoas que se comunicam em língua de sinais e também em língua oral, organizam-se em comunidades, têm direitos e deveres e que possuem uma identidade. (ALVES et al., 2011, pág. 177, 178).

Partiu-se, portanto, indutivamente para a pergunta de partida desta pesquisa. Poderá o recurso visual, na contação de histórias para surdos, ser um instrumento interventivo relevante para sua aprendizagem? Baseando-se na importância científica educacional de ensino-aprendizagem adaptada para o sujeito surdo, o presente artigo foi elaborado visando suas habilidades visuo-gestuais.

De caráter pessoal o interesse em realizar a presente pesquisa surgiu inicialmente da aproximação já existente com a comunidade surda, através de cursos direcionados a Libras, como também a aproximação com a artes visuais e a admiração pela contação de histórias. Tomando direcionamentos mais objetivos através de um trabalho solicitado na disciplina optativa de Libras, onde foi solicitado desenvolver um recurso visual para o ensino ao surdo. Através dessa disciplina veio ao conhecimento projetos de pesquisa que

trabalhavam com a área da surdez. E por meio da experiência de participação nos referentes projetos de extensão e pesquisa: Produção de recursos didáticos para o ensino ao surdo e Letramento do surdo através dos gêneros textuais do cotidiano despertou-se o interesse em aprofundamento no assunto, tornando-o o tema do presente artigo.

O recurso visual é um instrumento lúdico facilitador na aprendizagem de crianças surdas usuária da Libras, tal aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e construto de sua autonomia e independência em seu meio social e familiar. Contribui de maneira única na sensibilidade da criança observar o mundo a sua volta permitindo que aprendam a pensar de forma reflexiva.

A pesquisa possui em seu cerne o objetivo de verificar a pertinência da representação imagética para a contação de história para surdos usuários da Libras. Os objetivos específicos foram: motivar o interesse pela leitura, promover a leitura visual do conto através do recurso visual, observar o interesse dos participantes pela representação imagética, analisar se a representação imagética contribui para a lembrança da ordem dos acontecimentos e para a compreensão da mensagem do conto.

Representações imagéticas são materiais de melhor absorção educacional do que representações de forma escrita do português, pois a língua materna do sujeito surdo é a Libras na qual se caracteriza na modalidade visuo-gestual, onde a fala é representada por movimentos específicos denominados de sinais as quais as mãos executam, para assim interagir com o mundo a sua volta.

O uso de imagens como estratégia de leitura possibilita ao surdo uma aprendizagem dinâmica e reflexiva, uma vez que fornece um cenário visual imaginário onde terá liberdade em criar seu próprio cenário visual. Instrumentos como leitura, escrita, jogos e atividades lúdicas requerem uma adaptação visual, para que o surdo possa compreender de maneira mais clara e objetiva o que cada modalidade de ensino trabalha. Para que assim, não só possa interagir mediante o contexto inserido, mas também vir a acrescentar com futuras pesquisas a serem desenvolvidas nessa área. A adaptação ocorrerá com o apoio da Língua de Sinais (LS), sem ela a comunicação não será significativa.

2 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A psicopedagogia é um campo do conhecimento interdisciplinar, que visa à aprendizagem do sujeito como sendo seu principal objeto de estudo, sendo marcada por um campo teórico voltado para as questões das diversas possibilidades de aprendizado, em seus diferentes contextos sociais, enfatizando as dificuldades que o sujeito possa enfrentar em seu processo de aquisição.

Com base nas diferenças que o psicopedagogo deverá trabalhar, sendo também um termo utilizado na área, considero importante a discussão sobre ele, já que estamos nos referindo a sujeitos que em seu contexto social e familiar, foram muitas vezes excluídos e estigmatizados por necessitarem de uma educação especializada. Segundo Rodrigues e Quadros (2015) as diferenças estão ligadas diretamente a construção humana sendo com isso um participante integral na formação do sujeito, enfrentado pensamentos que utilizam o termo sem o devido conhecimento prévio do seu real conceito, modificando o termo, utilizando-o como sinônimo para deficiência. A discussão pertinente do presente tópico não está baseada em um diagnóstico clínico e sim a uma realidade humana. Afunilando tal pensamento ao campo sócio histórico, o ser humano não existiria se não fossem as *diferenças* construídas historicamente e culturalmente por ele mesmo (RODRIGUES E QUADROS, 2015).

Segundo Rodrigues e Quadros (2015) só percebemos nossas diferenças através do olhar que direcionamos ao outro, pois encontramos e refletimos sobre as diferenças que em nós habita. Partindo dessa perspectiva a psicopedagogia trabalha seu olhar de forma humana, intervindo a partir de propostas que não inferiorize o outro por ele possuir diferenças, pois sabemos que assim como ele nós também possuímos nossas diferenças. Com isso investigar o processo de aprendizagem e intervir de forma prática e eficaz, faz parte da avaliação psicopedagógica.

Um olhar diferenciado baseado em escutas, observações, entrevistas, avaliações, hipótese diagnósticas, marcam como se dá o processo pelo qual o psicopedagogo necessita passar até chegar à intervenção psicopedagógica. Os instrumentos utilizados pela psicopedagogia nesse processo, baseia-se em abordagens lúdicas didáticas, como também o uso de testes psicopedagógicos, como forma de avaliar e intervir de forma direta na dificuldade do sujeito frente as suas limitações e necessidades. Sendo uma área rica em seus referenciais teóricos, por abordar diversas áreas do conhecimento, tal ciência

multidisciplinar vem ganhando cada vez mais força, visibilidade e aceitação perante a sociedade.

Segundo Rubinstein (1992) e Fernández (2001) a intervenção psicopedagógica é importante para o aprendiz que enfrenta dificuldades no ato de aprender, pois sua abordagem terapêutica e preventiva o auxiliará a ser protagonista do seu próprio processo de aprendizagem e, como sujeito protagonista, esse aprendiz não limitará seu conhecimento simplesmente no âmbito educacional, a sua aprendizagem não irá apenas servir para desenvolver atividades em sala de aula, seu conhecimento romperá as barreiras, visualizando o que há por trás do muro imposto pela escola, sendo então importante para a sua vida pessoal.

O uso do recurso visual no ensino ao surdo é um instrumento necessário para uma intervenção eficaz. Tendo como exemplo a contação de história acompanhada do recurso visual, facilitando com isso a compreensão do sujeito surdo, por ser um instrumento lúdico, rico em seu modelo metodológico, propiciador de momentos enriquecedores, produtivos e dinâmicos. A adaptação aos meios de ensino, respeitando as necessidades do sujeito, refletem em uma ação que facilita o processo interventivo, já que se aproxima da realidade do sujeito e cria um clima facilitador para que ele seja protagonista em seu processo de aprendizagem. Privilegiando as potencialidades para a efetivação da inclusão do surdo usuário da Libras.

Segundo Kelman (2011) algumas atividades podem ser desenvolvidas para que o uso da língua de sinais seja exercitada: vídeos, leitura de livros, revistas e etc. A leitura coletiva também é uma ferramenta importante na comunicação por meio dos sinais. Com base nesse pensamento, a intervenção visual se mostra um meio eficaz de se trabalhar a língua de sinais através de uma atividade tão lúdica e de fácil aceitação, independente da idade do sujeito, como é a contação e recontação da história em Libras.

A contação de história é um instrumento lúdico, que quando ligado a ferramentas pedagógicas visuais, tornam a prática ainda mais didática, com alto poder de alcance. Nesse sentido, ele contribui não só para a organização do pensamento do sujeito, como também desenvolve a criatividade, estimulando seu imaginário, possibilitando novos conhecimentos sendo então uma ferramenta prazerosa capaz de desenvolver no outro a autonomia, reflexão e pensamento crítico.

A recontação por parte dos sujeitos que antes eram os espectadores, torna-os protagonistas dessa nova narrativa, possibilitando momentos de inesquecíveis aprendizagens, estimulando a pensar sobre a história de forma que o direcione a outro universo, onde as imagens representadas se transformarão em palavras, e nesse universo imaginário o silêncio não incomodará, ao contrário, ele próprio narrará a história, fazendo uma simples imagem se transformar em um grande espetáculo visual.

Segundo Lopes (2008), a intervenção não se resume em apenas executar uma atividade, é necessário levar o sujeito a pensar e refletir sobre suas ações, uma vez que o processo de intervenção não se deve basear na mecanicidade. Com isso enfatiza-se a importância da recontação da história por parte do espectador.

2.1 EDUCAÇÃO DE SURDOS USUÁRIOS DA LIBRAS

Segundo Alves et al. (2011), sendo então a língua natural do sujeito surdo, a Libras é o meio pelo qual a maioria dos surdos se comunicam. Seu reconhecimento enquanto língua foi um grande avanço para a comunidade surda, sendo a prova de luta e resistência situada em uma época, na qual as diferenças não eram respeitadas, e seus direitos não existiam, sendo proibidos de se expressarem através dos sinais e obrigados a se comunicarem através da fala. De acordo com Lacerda (1998), os estudos sobre a Língua de Sinais surgiram na década de 1960, onde os surdos a utilizavam no meio da comunidade surda para se comunicarem, mesmo conscientes de que tal ação era proibida pelos oralistas da época.

Alegando a legitimidade e eficiência dessa língua que proporciona ao surdo uma forma de se comunicar, interagir e se expressar, a Libras vêm ganhando cada vez mais força no meio social. Aqui faz-se importante esclarecer algumas diferenças comparadas ao português, a primeira delas conforme (ALVES et al. 2011, p. 179) é o seu modo de reprodução, pois, na Libras o canal usado para a comunicação, são as mãos e o corpo, enquanto que na língua oral, o canal utilizado para produção é o aparelho fonador. A Libras é percebida através da visão, e a língua oral através da audição. A aquisição das duas línguas acontece naturalmente, mediante estímulo e ensino. O surdo desde seu primeiro ano de vida deve ter contato com a LS, sendo essa a primeira língua a ser aprendida, depois o português deve ser inserido tornando-o então um sujeito bilíngue, enquanto que ao sujeito ouvinte a primeira língua deve ser o português, depois a Libras como segunda língua.

A Libras foi reconhecida como a segunda língua da comunidade surda brasileira (BRASIL) e todos devem aprendê-la, pois assim como buscamos nos capacitar estudando outras línguas, devemos ter o mesmo empenho para aprendê-la. A oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) sucedeu-se mediante a Lei n. 10.436, ocorrida em 24 de abril de 2002:

Entende-se como Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Gerando novos caminhos, quebrando barreiras e dando força para a comunidade surda ter seu espaço na sociedade.

Crianças que têm pais que são surdos aprendem desde seus primeiros anos de vida a Libras como sendo sua língua materna e natural, diferentemente de pais ouvintes com filho surdo, que tardam a perceber a necessidade do filho prejudicando seu contato com a língua de sinais e muitas das vezes negligenciando essa aprendizagem, comprometendo seu desenvolvimento linguístico pela ausência de querer buscar informações acerca da dificuldade.

O fato de não se comunicar com a comunidade ouvinte e de não manter relações com o mundo por meio da fala acarreta problemas para a criança surda, sobretudo as filhas de pais ouvintes, que compõem a grande maioria dos casos. (SILVA, 2002, p. 40)

Conforme Alves et al. (2011) a partir do momento que o sujeito surdo tem contato com sua língua, é importante que conviva com outros surdos para que essa aquisição se desenvolva, pois, o contato direto com outros surdos afirmará sua identidade e favorecerá estímulos para que a aprendizagem ocorra de forma natural, essa aquisição torna-se necessária pelo fato de socializar e integrar novos sujeitos a comunidade surda.

Segundo Silva (2002), os objetos determinam uma ação, levando a refletir que se o objeto é um meio de estimulação, o uso de recursos visuais sob uma proposta lúdica, torna-se um elemento expressivo pertinente, presentes na realidade do sujeito participante de sua imaginação.

2.1.1 Língua e Linguagem

Baseada na perspectiva linguística, a língua e seus diferentes tipos de linguagens vem sendo trabalhados de forma reflexiva acerca de suas contribuições para a sociedade em geral.

[...] toda língua é uma linguagem, mas nem toda linguagem é língua.
(RODRIGUES; QUADROS, 2015, p.75)

Diferente da linguagem, a língua acarreta questões de caráter social, político e cultural. Podendo ser usada para interpretar todos os modos de linguagens, até mesmo dela mesma. A reflexão da língua, sobre a própria língua, usando a língua, a torna uma linguagem com alto senso crítico ao pensamento, estimulando o outro a pensar e questionar tamanha riqueza de linguagem (RODRIGUES; QUADROS, 2015). Ao aprender e interagir com uma nova língua, o sujeito começa a compreender a sua própria língua, refletindo sobre a língua, sob uma perspectiva relacional dos sujeitos pertencentes a outra língua.

A linguagem proporciona a língua diferentes modos de expressão, execução e relação com o outro dentro de sua realidade. Significando ser um condutor de conhecimento múltiplos. Assim como é enriquecedor para o sujeito surdo conhecer outros modos de linguagens visuais, também é para o ouvinte, pois tal experiência rompe barreiras, aproximando-os das pessoas, os fazendo enxergar a realidade do outro de forma humana, permitindo-se conhecer e compreender o jeito do outro ver o mundo a sua volta, iniciando um diálogo de respeito ao outro com base na reflexão já feita nas diferenças que todo sujeito possui. (RODRIGUES; QUADROS, 2015).

Partindo para questões mais intrínsecas da língua e linguagem, é importante também discutir-se sobre sua relevância no contexto lúdico e cognitivo do pensamento, baseados na comunicação exercida pelo sujeito quando se é feito seu uso. Segundo Silva (2002) a ludicidade dentro do contexto da Libras propicia uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento da linguagem, cognição e imaginação.

A linguagem como meio de comunicação é um sistema integralizador do conhecimento e pensamento, responsável pelo desenvolvimento da criança, baseando sua importância na funcionalidade imediata de estímulo-resposta. Sua função é de criar meios pelos quais o sujeito interaja com o outro, o fazendo conhecer suas necessidades, desejos

e vontades, servindo também com sinalizador de questões emocionais, físicas, psicológicas e biológicas.

De acordo com Silva (2002) a linguagem e cognição de sujeitos surdos em processo de aquisição da língua de sinais, é o momento propício para explorar o desenvolvimento lúdico do sujeito surdo e estudar sua relação imaginária com o uso de sinais, na tentativa de comprovar como tal aquisição modifica a complexidade da ludicidade encenada. De forma que possamos compreender melhor como se constrói tal desenvolvimento no sujeito, estudos já vem sendo realizados e compartilhados de forma a nos fazer refletir sobre como a língua e linguagem se inicia e acontece no ser humano.

De acordo com Vygotsky (1989), a língua que o sujeito fala influencia o modo como ela enxerga o mundo. O pensamento e a linguagem são habilidades separadas no decorrer do desenvolvimento, porém, em dado momento, esses dois elementos se encontram para formar o comportamento verbal e posteriormente o que se chama de língua. A linguagem aprendida se aloca na mente e vai constituir o modo de pensar desse sujeito. Essa construção da linguagem advém do meio social em que o sujeito vive. Portanto, o pensamento possui uma relação interdependente da linguagem (VYGOTSKY, 1989).

Os significados das palavras são dados pelo meio social ao sujeito, o que vai formar os conceitos que vão nortear o pensamento dele. Para Vygotsky (1989), toda a construção da linguagem que vai estruturar o pensamento se dá dentro de um contexto sociocultural, logo, o pensamento é determinado por fatores sociais. No meio desse percurso do desenvolvimento, existe o que Vygotsky (1989) chama de “Zona de desenvolvimento proximal” (ZDP). Esse conceito diz respeito ao limiar em que a criança consegue desempenhar tarefas sozinhas mediadas pelo outro. Na ZDP a linguagem já está em pleno funcionamento, determinando o pensamento e gerando os conceitos que nortearam a vida da criança. Nesse momento podemos afirmar que uma língua faz parte do desenvolvimento da criança.

A língua é o conjunto de símbolos que a criança tem adquirido na construção social da mente. Essa língua pode ser expressa verbalmente ou de qualquer outra forma de organização simbólica. É importante lembrar que essa simbolização que está na língua foi formada pelos conceitos adquiridos do meio social pela mediação com os outros. Pensamento e linguagem se entrelaçam e formam a língua que o sujeito utiliza (VYGOTSKY, 1989). Por isso, a importância de estudos acerca dessa temática.

2.1.1. Importância do Recurso Visual

A criança surda inicia sua descoberta com a linguagem por meio de suas experiências visuais, e seu contato com a Libras, sendo então fundamental o uso de recursos visuais no ensino de todos os conteúdos escolares. A escola necessariamente precisa investir na educação do surdo por meios de adaptações curriculares, favorecendo assim uma aprendizagem enriquecedora, que preconiza o conhecimento e o saber como forma de vencer as barreiras do preconceito, apoiando a luta da comunidade surda por seu espaço na sociedade.

A representação imagética e sua utilização como recurso visual fortalecedor do ensino ao surdo tem sua base instrutiva no contato direto com a informação pois trabalha diretamente com as habilidades visuo-gestuais do sujeito surdo, abarcando a ideia que a pedagogia visual é necessariamente indispensável no processo de ensino-aprendizagem do surdo, facilitando com isso sua compreensão nos conteúdos didáticos, proporcionando a ele independência ao aprender, fazendo-se sentir sujeito de suas ações e responsável por suas escolhas. A imagem servirá como condutor da informação, gerando no indivíduo sede em aprender, despertando seus interesses e estimulando sua criatividade e amadurecendo seu sistema linguístico. Pois o processamento gerará dúvidas, o fazendo buscar por respostas, esse momento será propício para as perguntas, tornando esse momento um processo didático lúdico, que fortalecerá sua autonomia e construto de maneira divertida, sem pressões ou cobranças.

A escassez de materiais didáticos adaptados para a comunidade surda é algo a ser comentado, pois a partir dessa realidade surgiu a necessidade de desenvolver pesquisas direcionadas a essa área, e o empenho em difundir o pensamento de transformar essa realidade e contribuir com mais pesquisas para que esse campo se multiplique e gere parceiros que abracem a causa da surdez como sendo um meio de serem a voz desse povo que desde séculos remotos vem lutando por seu espaço na sociedade. Uma aula com apoio imagético, permite ao educador expandir o universo do surdo, dando a ele o direcionamento correto do conteúdo a ser trabalhado, o estimulando de maneira didática a assimilar o material apresentado, fazendo-o interagir em sala de aula, causando um grande impacto em sua rotina educacional. Pois a descoberta do saber será um ganho positivo não só para ele, mas também para a escola, que ganhará um novo aluno, um sujeito autônomo, protagonista da sua própria necessidade em aprender.

Educadores e profissionais especializados, por diversas vezes encontram-se desmotivados quando enfrentam dificuldades e resistência ao tentar ensinar um conteúdo mais complexo a um sujeito surdo pela escassez de materiais adaptados às suas necessidades, com isso a proposta do recurso visual é de ser um instrumento facilitador nesse processo de ensinar entre o aprendiz e o educador. A adaptação curricular é indispensável nesse processo, devendo se fazer presente em toda a grade curricular da escola. Segundo Belmiro (2000) alfabetizar um sujeito através das imagens é um meio adaptável de desenvolver a cidadania. A leitura das imagens constrói no outro um sentimento humanístico. O contato com o outro fortalece a integração, e enfraquece a exclusão. Ajudar o outro com o que tem, sendo o próprio instrumento de aprendizagem, tornando-se a ferramenta necessária para ensinar, faz do aprendiz o melhor professor. Com isso Reily (2003) retrata a importância do uso da pedagogia visual, por ser um instrumento capaz de fazer com que o sujeito surdo interaja e construa um significado mediante a linguagem visual apresentada a ele.

3 MÉTODO

Nesse estudo, adotou-se a pesquisa qualitativa de caráter interventivo. Segundo Pope e Mays a pesquisa qualitativa (2009, p. 13,14):

Está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a maneira como as pessoas compreendem este mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) [...] estuda as pessoas em seus ambientes naturais em vez de ambientes artificiais ou experimentais.

A abordagem qualitativa contribuiu de maneira significativa para execução das atividades procedentes do presente estudo. Pois abarca e interage de forma objetiva a proposta da pesquisa, por se tratar de uma experiência social, com pessoas dentro do seu ambiente natural. Segundo Fagali (2005) a pesquisa-intervenção é referente a integração entre teoria e prática, possuidora de pensamento, reflexão e comprometimento. Essa união é responsável em gerar operações que fazem o pesquisador perceber, refletir e atuar sob essa construção.

3.1 PROCEDIMENTO

A pesquisa foi realizada na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD), contando com a participação dos alunos da sala de Ensino de Jovens

e Adultos (EJA) do turno da manhã. Tendo duração de aproximadamente 1 hora e 15 minutos. Inicialmente, foi solicitada à instituição a devida autorização para realização da pesquisa. Sendo assim, a direção foi procurada, como também a professora responsável pela sala do EJA, seguido do envio por e-mail do ofício contendo o pedido pela direção solicitando o espaço pela instituição, sendo então marcado o dia para realização da pesquisa. Chegado o momento, foi explicado aos participantes a natureza da pesquisa e de como seria realizada, ressaltando que a língua utilizada para que houvesse a comunicação entre os alunos e a pesquisadora foi a Língua Brasileira de Sinais.

Para a coleta de dados foi realizado uma contação de história por parte da pesquisadora com o apoio do recurso visual, seguido da recontação por parte dos participantes primeiramente sem o apoio do recurso visual, seguido da recontação com o apoio do recurso visual. No primeiro momento, foi feita a narração em Libras do conto: Não somos figurinhas e, à medida em que a história era narrada em Libras, o recurso imagético acompanhava a contação da história. As imagens para a contação da história foram transmitidas por um retroprojetor em formato de Power point.

A base para elaboração do recurso visual partiu da necessidade de se trabalhar a partir do potencial do aluno, sendo este a percepção visual, trabalhando então um material que pudesse representar visualmente a história escolhida intitulada como: Não somos figurinhas, da autora Claudia Werneck. O recurso visual foi elaborado a partir do desenho manual onde cada esboço foi construído com lápis 2b, 6b e contornadas com caneta nanquim 0.5, em seguida as imagens foram scaneadas e editadas em programa de Photoshop CS6, no qual passaram pelo processo de coloração e acabamentos. O recurso visual foi composto por 22 ilustrações, que seguiram o roteiro da história.

A escolha das cores baseou-se na visibilidade dos tons fortes, vibrantes, sem luz e sombra, denominados no mundo da arte como sendo cores ‘duras’, para que assim o sujeito surdo pudesse visualizar melhor sem ter sua atenção alterada. A criação dos personagens teve seu critério baseado nas características dos personagens que a história retratava, possuindo características bastante expressivas. Baseando-se na criatividade e originalidade que o desenho possui, o recurso procurou apresentar uma imagem clara, simples e objetiva, favorecendo uma melhor compreensão ao sujeito surdo, visando suas habilidades visuo-gestuais. Por ser uma atividade lúdica, consegue agradar a todas as faixas etárias, sendo então um facilitador da aprendizagem, pois a imagem por si só fala, não necessitando necessariamente de textos para que possa ser compreendida.

A utilização do recurso visual durante a contação de história, fez com que os sujeitos dessem vida a história, utilizando a imaginação como guia para uma aprendizagem lúdica e divertida. A composição do recurso visual foi realizada a partir da leitura do texto e seleção de cenas para que toda a história fosse narrada em imagens. Para tanto, foram selecionadas das 25, 22 cenas para serem representadas em imagens, mas apenas 19 delas o grupo-participante recontou, sendo elas postas em uma sequência de slide da seguinte forma: **Caracterização dos personagens principais apresentados na sequência de slides com uma breve descrição da mensagem do texto e ações dos personagens.**

Cena 1- Caracterização do personagem: Menina com um gato nos braços, de pelo de cor preto e branco.

Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: A menina é dona do gato, que se chama Bandidão.

Cena 2 - Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: Menina alisando seu gato nos braços, com expressão de medo, saindo da presença dos quatro adultos. Representando a família, padrinhos, vizinhos e professores da menina, sendo três homens e uma mulher.

Cena 3- Descrição das ações dos personagens: menina com seu gato nos braços de frente para os adultos, dando a entender que estava falando alguma coisa para eles, mas os adultos não entendiam, apresentando expressão de dúvida e interrogações na cabeça.

Cena 4- Descrição da angústia da personagem principal frente às diferenças: menina com uma mão na cabeça e outra segurando o gato, com expressão de estar pensando, acima da sua cabeça tinha 4 balões e dentro deles o rosto de pessoas diferentes sendo 3 homens e uma mulher.

Cena 5- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: em tamanho maior (personagens descritos acima), homem branco aparentando meia idade, cabelos compridos. Homem com traços indígenas, usando colar feito de sementes.

Cena 6- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: em tamanho maior, homem adulto, com traços de identidade afro-brasileira. Jovem adolescente, vestindo blusa clara em cor laranja.

Cena 7- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: quatro adultos entreolhando-se, com expressões de dúvida e interrogações em cima da cabeça.

Cena 8- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina com uma mão na cabeça e a outra segurando o gato, balões acima da sua cabeça com imagens do corpo humano.

Cena 9- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: gato no colo da menina, olhando para cima, com expressão de entediado.

Cena 10- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: desenho de um balão amarelo e dentro outro balão menor branco escrito *puf* em preto, e as patas de trás do gato em movimento de salto.

Cena 11- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: gato pulando do colo da menina com expressão de espanto.

Cena 12- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina com expressão de raiva, com três balões acima da cabeça, com imagens de uma perna, interrogação e um rosto de perfil de um homem com um x vermelho no ouvido, enfatizando sua deficiência auditiva.

Cena 13- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina com a mão na testa, com expressão de estar gritando, acima da sua cabeça três balões, um com uma mulher feia, aparência triste, cabelo espantado, outro balão com uma interrogação e o outro com um par de olhos sendo um olho azul e outro cinza (representando ser de vidro).

Cena 14- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina em pé de perfil, segurando figurinhas coloridas em uma das mãos e na outra com uma figurinha como se estivesse mostrando-as a alguém, com expressão de estar falando com raiva, balançando a cabeça.

Cena 15- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina em pé em frente a uma mesa, com figurinhas de cores e imagens diferentes de homem e mulher espalhadas na mesa, com expressão de raiva com suas mãos sobre a mesa.

Cena 16- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina em pé com os braços e pernas entre abertos, jogando as figurinhas para o alto, com algumas rasgadas e outras amassadas no chão. Com expressão de estar falando algo.

Cena 17- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina pegando a bolsa em cima da mesa e olhando para o gato com expressão de carinhosa, sorrindo serenamente.

Cena 18- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina com a mochila nas costas andando depressa, indo em direção a porta.

Cena 19- Descrição da imagem e contextualização com o texto da história: menina abrindo a porta olhando para o gato com expressão carinhosa, sorrindo serenamente, dando a entender que iria sair.

3.1.1 Participantes

O grupo de participantes foi composto por 08 sujeitos, com idade variando entre 14 e 41 anos, não fluentes em Libras, com diagnóstico de surdez profunda bilateral e visão subnormal. Partindo dessa realidade amostral a pesquisa baseou suas análises em apenas 4 dos 8 participantes, de acordo com as respostas evasivas e pertinentes verificadas em análises feita através de observação da filmagem realizada no momento da aplicação da pesquisa. Os dados dos participantes seguem como sendo caracterizados a partir das iniciais dos seus nomes, seguidas do grau de surdez e demais comprometimentos que cada participante apresenta, finalizando com a idade correspondente a cada sujeito, conforme tabela.

Tabela – Características dos participantes

Participante	Nível de Surdez	Idade	Sexo
01	Surdez profunda	14	M
02	Surdez profunda bilateral	16	M
03	Surdez profunda bilateral	17	M
04	Surdez bilateral severa profunda	18	M
05	Surdez profunda bilateral	28	M
06	Surdez profunda, visão subnormal	34	F
07	Surdez profunda	36	F
08	Surdez profunda bilateral	41	M

3.1.1.1 Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da observação da participação dos participantes em registro em vídeo. Os critérios de

observação da compreensão e capacidade de recontagem da história foram: demonstração de compreensão da história, capacidade narrativa, narração em acordo com a sequencialidade da história e recuperação da lembrança dos fatos da história. A observação foi realizada em dois momentos: sem e com apoio do recurso visual, para que se pudesse observar a diferença da recontagem sem e com apoio do recurso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a escolha do texto os critérios de escolha basearam-se no tamanho, tema e clareza. Rocio e Stock (2009) recomendam que não sejam utilizados textos longos. Com isso levando em consideração o texto da história é possível afirmar que a escolha nesse ponto foi boa, pois o texto referente à contação é um texto curto, apesar de abstrato para o nível lexical de leitura visual do grupo-participante. Por necessitar de um tempo maior para identificar aquilo que não reconhece de imediato do texto, Rocio e Stock (2009) afirmam que é preciso que ao ensinar ao surdo através de imagens, a mesma seja explicada, sempre relacionando a imagem apresentada ao texto, fazendo com que o sujeito se aproprie visualmente do texto, fazendo uma leitura ideográfica.

Para a verificação da eficácia do recurso visual, após a narrativa da história, foi solicitado que o grupo-participante recontasse a história em dois momentos: sem e com o apoio do recurso visual. No primeiro momento, foi questionado aos alunos se haviam gostado da história, se haviam entendido e se poderiam explicá-la. Diante dos questionamentos, o grupo-participante apresentou timidez, não interagindo de imediato às perguntas feitas pela pesquisadora, mas, após um dos alunos tomar a iniciativa em expor o que havia entendido, os demais sentiram-se à vontade e também explicaram o que haviam entendido da história.

Percebeu-se que o grupo-participante não tinha experiência com esse tipo de atividade, pois, as explicações feitas por eles não condiziam à narração original. Eles associaram à história a sua vida pessoal às situações de sua vida diária, com seus próprios animais de estimação. Em seguida, houve uma tentativa de contagem da história, mas, o grupo-participante não lembrava muito bem a história e a contou superficialmente e sem uma ordem cronológica dos fatos. Portanto, a observação da recontagem da história sem o apoio do recurso visual possibilitou perceber que o grupo-participante não tinha condições de recontar a história apenas de memória, necessitando com isso do apoio imagético.

O fato de não contarem a história apenas se utilizando da memória, foi analisado que a representação imagética contribuiu para a lembrança da ordem dos acontecimentos e para a compreensão da mensagem da história, mesmo que de modo limitado, o grupo-participante demonstrou terem compreendido a mensagem do texto, pois no momento da recontagem com o apoio imagético, perceberam as diferenças no decorrer da história, tendo ela as diferenças como a mensagem principal da história.

O Recurso visual compensou parte da dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa, mostrando que os recursos de comunicação dessa população de surdos englobam de maneira significativa elementos imagéticos, assim como afirma Kelman et al. (2011) e Reily (2003). Os resultados encontrados estão de acordo com a literatura consultada, evidenciando que o recurso visual facilita a contação de histórias para surdos usuários da Libras, bem como na comunicação e o ensino-aprendizagem. Kelman et al. (2011) incluir o uso de recursos visuais como estratégia metodológica nos conteúdos escolares é um meio de facilitar a compreensão do sujeito surdo em sala de aula, pois sua metodologia é baseada no ensino da pedagogia visual, trazendo a reflexão a importância do ensinar respeitando as necessidades, singularidades e especificidades do aluno surdo.

No segundo momento, os slides foram sendo passados e foi solicitado que o grupo-participante contassem a história a partir das cenas apresentadas. A primeira cena retratava uma menina pequena com seu gato nos braços, cobrindo parte do seu rosto, enfatizando seu olhar resabiado. O grupo-participante caracterizou a cena dizendo ser uma menina alisando o gato. A segunda cena retratava a menina alisando seu gato nos braços, com expressão de medo, saindo da presença dos quatro adultos desenhados da cintura para baixo, dando ênfase a menina. O grupo-participante disse que era uma menina com o gato nos braços andando e tinha várias pessoas. A terceira cena apresentava uma menina com seu gato nos braços de frente para os adultos, dando a entender que estava falando alguma coisa para eles, mas os adultos não entendiam, apresentando expressão de dúvida e interrogações na cabeça. O grupo-participante disse que era uma menina pequena, com o gato nos braços, pessoas pensando e olhando para ela, acharam que as pessoas não gostavam do gato.

A partir da quarta cena, a recontagem do grupo-participante começou a se aproximar da narrativa da história. A quarta cena retratava a menina com uma mão na cabeça e outra segurando o gato, com expressão de estar pensando, acima da sua cabeça tinha 4 balões e dentro deles o rosto de pessoas diferentes sendo 3 homens e uma mulher.

O grupo-participante disse que a menina estava pensando na família por causa do gato, que estava preocupada, pai, mãe, índio, pessoas diferentes. A percepção de que havia pessoas diferentes indica que o recurso visual representou as diferenças citadas no texto. Essa percepção foi importante para aproximar o entendimento da história pelo grupo-participante. Essa é uma demonstração de que o recurso visual auxilia na compreensão da história narrada ao surdo.

Segundo Olim (2010) a comunicação é feita a partir das imagens textuais apresentadas ao sujeito em seu processo de aprendizagem. Entendendo-se com isso que a função base das imagens textuais é de transmitir e auxiliar a comunicação, visando a melhor forma de utilizá-las como recurso didático. As imagens contribuem para o estímulo visual do sujeito, direcionando a leitura visual feita por ele.

A quinta e a sexta cena retratavam em tamanho maior as pessoas que estavam dentro dos balões, enfatizando as diferenças entre eles, um homem branco aparentando meia idade e de cabelos compridos, o outro possui traços indígenas, seguido de outro homem com traços de identidade afro-brasileira, e por último uma jovem branca de cabelo colorido. O grupo-participante percebeu de forma mais acentuada as diferenças com essas imagens, diziam ver homem, índio, mulher bonita. A sétima cena retratava os quatro adultos entreolhando-se, com expressões de dúvida e interrogações em cima da cabeça. Ao observar essas cenas, o grupo-participante disse ver as pessoas se olhando, conversando sobre o gato.

A oitava cena retratava a menina com uma mão na cabeça e a outra segurando o gato, balões acima da sua cabeça com imagens do corpo humano. O grupo-participante a partir dessa cena disseram que a menina estava pensando com a mão na cabeça em dois olhos, duas pernas, dois braços, uma língua, um cérebro, dez dedos na mão, dez no pé e alisando o gato. A nona cena retratava o gato no colo da menina, olhando para cima, com expressão de entediado. O grupo-participante descreveu como sendo um gato pensando. A décima e décima primeira cena retratavam o gato pulado do colo da menina. O grupo-participante disse que o gato pulou do colo da menina. Como se pode perceber na descrição acima, o grupo-participante em alguns momentos só descreviam o que estavam vendo demonstrando não vinculação entre a cena e a história contada. No entanto, essa descrição o fez se manter na história e evitou a divagação.

A décima segunda cena retratava o rosto da menina com expressão de raiva, com três balões acima da cabeça, com imagens de uma perna, interrogação e um rosto de perfil

de um homem com um x vermelho no ouvido, enfatizando sua deficiência auditiva. O grupo-participante disse que a menina ouviu algo, que tinha uma perna e interrogação. A décima terceira cena retratava a menina com a mão na testa, com expressão de estar gritando, acima da sua cabeça tinha três balões, um com uma mulher feia, outro com uma interrogação e o outro com um par de olhos sendo um de vidro. O grupo-participante caracterizou dizendo ser uma menina com a mão na cabeça, com o cabelo espantado.

A décima quarta cena retratava a menina em pé de perfil, com figurinhas nas mãos como se estivesse mostrando-as a alguém, com expressão de estar falando com raiva, balançando a cabeça. O grupo-participante disse ver na cena a menina distribuindo os papéis, perguntando se viram o gato e procurando ele. A décima quinta cena representava a menina em pé em frente a uma mesa, com figurinhas de cores e imagens de homem e mulher espalhadas na mesa, com expressão de raiva e as mãos sobre a mesa. O grupo-participante entendeu como sendo a menina espalhando os papéis sobre a mesa, com imagens de homem, mulher, cachorro diferentes e gato brincando. A décima sexta cena ilustrava a menina em pé com os braços e pernas entre abertos, jogando as figurinhas para o alto, com algumas rasgadas e amassadas no chão. O grupo-participante entendeu a cena como a menina jogando para o alto os papéis.

A décima sétima cena ilustrava a menina pegando a bolsa em cima da mesa e olhando para o gato com expressão de feliz. O grupo-participante descreveu a cena como vendo a menina com a mochila indo para a escola, procurando o gato, quando achou ficaram se olhando, o gato estava triste. A décima oitava cena ilustrava a menina com a mochila nas costas andando depressa, indo em direção à porta. O grupo-participante descreveu a cena como vendo a menina alegre correndo para a escola, e antes mesmo que fosse passado o slide seguinte com a cena da menina abrindo a porta olhando para o gato e saindo, o grupo-participante já havia dito isso na cena presente.

De acordo com Lencastre e Chaves apud Duborgel (2003) no ensino pela imagem, esta deve ser instrumento de comunicação, de informação, de conhecimento, factor de motivação, de discurso, de ensinamento, meio de ilustração da aula, utensílio de memorização e de observação do real. O recurso visual é uma ferramenta flexível e dinâmica, podendo ser utilizada em qualquer disciplina, servindo como apoio metodológico, enriquecendo o aprendizado dos sujeitos e viabilizando o conteúdo como forma de acesso ao saber. A relação que o sujeito surdo fará com a imagem o estimulará

a analisar as imagens apresentadas de maneira mais acessível ao nível leitor que se encontra.

O dado aplicado se aplica segundo Rocio e Stock (2009) que o ensino ao surdo deve ser aplicado por profissionais com conhecimento em Libras, no qual esse profissional possa contribuir pedagogicamente para a aprendizagem desse sujeito, fazendo uso de recursos educacionais estratégicos e flexíveis. Outro fator foi ter escolhido uma história inadequada por ser abstrata, e o grupo-participante não ter ainda maturidade para a compreensão dessa forma de narrativa, pois, a história requeria dele um pensamento abstrato.

Por outro lado, encontram-se limitações no estudo, pois, o fato dos sujeitos não recontarem a história fielmente pode estar relacionada às dificuldades operacionais que ocorreram no experimento. Ao solicitar que os sujeitos recontassem a história sem ajuda do recurso visual observou-se dificuldade de cumprir a tarefa. Resultado que pode ser explicado pela falta de fluência em libras da pesquisadora, fazendo com que os sujeitos apenas captassem parte do conteúdo da história.

Ao usar o recurso visual para a contação da história, problemas operacionais inviabilizaram o auxílio dos recursos imagéticos no entendimento da história contada usando Libras. No entanto, a discussão posterior usando os mesmos recursos, em que foi solicitado que recontassem a história, houve uma aproximação entre o entendimento da história pelos sujeitos e a história como ela é, mas ainda havendo oscilações mediante a narração da pesquisadora e do grupo-participante. O que indica que quanto mais o sujeito é colocado como construtor de sua aprendizagem, mais eficiente será esse processo, enfatizando o uso de recursos visuais.

Sendo assim os objetivos do presente artigo foram comprovados mediante a pertinência da utilização do recurso visual no processo interventivo com a contação da história, como também verificou-se que o uso da imagem contribuiu para facilitar a compreensão do conto, motivou o grupo-participante no interesse pela leitura, promoveu a leitura visual através do recurso visual, como foi observado o interesse dos participantes pela representação imagética, pois, necessitaram utilizar a atenção para que pudessem compreender a história e também afirmaram terem gostado da história, quando perguntados o que tinham achado da história e se tinham gostado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos através do trabalho com o recurso visual, validam a hipótese de que a representação imagética é uma ferramenta pertinente na contação de história para surdos, usuários da Libras em classe da sala de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Porém, as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa como níveis de surdez diferenciados, história abstrata para o nível léxico dos participantes, inviabilizaram a verificação da eficiência no entendimento da história escolhida, ainda assim a ferramenta mostrou-se adequada para a promoção de um processo de aprendizagem mais dinâmico e que coloca o sujeito como protagonista e não apenas como receptor.

Estudos com esse tipo de ferramenta se mostram importantes, podendo servir de apoio para construção de políticas públicas voltadas a um ensino mais humanizado para surdos e que atenda às suas especificidades de aprendizagem. A intervenção psicopedagógica nesse processo se mostra fundamental para o desenvolvimento do sujeito surdo em seu processo de aprendizagem e aquisição bilíngue.

Durante as observações realizadas verificou-se que o objetivo geral de verificar a pertinência da representação imagética para a contação de história para surdos usuários da Libras e os objetivos específicos de motivar o interesse pela leitura, promover a leitura visual do conto através do recurso visual, observar o interesse dos participantes pela representação imagética, analisar se a representação imagética contribui para a lembrança da ordem dos acontecimentos e para a compreensão da mensagem do conto foram atingidos.

Contudo indica-se a replicação do estudo em outras populações e com outras histórias, mostrando-se necessário para confirmar a hipótese em outros âmbitos. A escolha do público alvo deve basear-se na idade, turma de alunos, nível do comprometimento auditivo, sendo importante ser utilizado na fase inicial do desenvolvimento de crianças surdas.

REFERÊNCIAS

ALVES et al. Estudos Surdos: diferentes olhares. Língua de sinais: um instrumento viabilizador do desenvolvimento cognitivo e interacional do surdo. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

ALMEIDA, S. A. A utilização da pedagogia visual no ensino de alunos surdos: uma análise do processo de formação de conceitos científicos. – (PPGEduc/UFRRJ). Londrina, 2013 -ISSN 2175-960 X.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 01.nov.2015.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 01.nov. 2015.

BELMIRO, C. A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. Educação & sociedade, v. 21, n. 72, p. 11-31, 2000.

CAPOVILLA, F; et. al. Processos logográficos, alfabéticos e lexicais na leitura silenciosa por surdos e ouvintes. Estudos de Psicologia 2005, 10(1), 15-23.

FAGALI, E.Q. Criando espaços para novas contribuições psiopedagógicas: entre contexto clínico e institucional: abordagem multireferencial fenomenológica ecossistêmica. In MASINI, E. Uma jornada de reflexão sobre a prática em psicopedagogia. São Paulo, SP: Vetor, 2005a.

FERNÁNDEZ, A. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cadernos Cedes, v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998.

LENCASTRE, J. A., & CHAVES, J. H. (2003). Ensinar pela imagem. Revista Galego Portuguesa de Psicoloxía e Educación, 10(8), 2100-2105. LOPES, S. V. A.

LOPES, S. V. Processo de Avaliação e Intervenção em psicopedagogia. Curitiba: Ibpx, 2008.

OLIM, E. B. B. Imagens em livros didáticos de história das séries iniciais: uma análise comparativa e avaliadora. Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História, 7(10), 2010.

POPE, C; MAYS, N. Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. Tradução Ananyr Porto Fajardo. -3.ed.-Porto Alegre: Artmed, 2009. 172.;21cm.

REILY, L. H. (2003). As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares -escolares surdos. Em I. R. Silva; S. Kauchakje & Z. M. Gesueli (Orgs.), Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades. Cap. IX (pp.161-192). SP: Plexus Editora.

ROCIO, Z. M. R; STOCK, I. O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE. Produção Didático-Pedagógico. Paraná, 2009.

RUBINSTEIN, E. et al. Psicopedagogia: Contextualização, Formação e Atuação Profissional. A intervenção psicopedagógica clínica. Porto Alegre: artes Médicas, 1992.

RODRIGUES, C. H; QUADROS, R. M. DIFERENÇAS E LINGUAGENS: A visibilidade dos ganhos surdos na atualidade. Revista Teias, v. 16, n. 40, p. 72-88, 2015.

SILVA, D. N. H. Como brincam as crianças surdas. Plexus Editora, 2002.

KELMAN, C. A. Significação e aprendizagem do aluno surdo. In MARTÍNEZ, A. M. & TACCA, M. C. V. R. (Orgs.) Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas, SP: 2011.

KELMAN.C.A. Letramento do aluno surdo: considerações sobre compreensão e escrita em L2. Publicado em 6 de outubro de 2011. Disponível em <http://ihainforma.wordpress.com>. Acessado em 11 de novembro de 2015.

KELMAN, C. A. et al. Menos do mesmo: a pedagogia visual na construção da l2. Publicado em novembro de 2011. Disponível em www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/.../332-2011.pdf. Acessado em 10. nov. 2015.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. (Tradução Brasileira da tradução Inglês do original Russo de 1934). SP: Martins Fontes, 1989, 2ª edição.

SUMMARY:

The drafting process of this Article is based on the educational importance of teaching and learning adapted to the deaf guy, aiming their visual-gestural skills. The survey was conducted at the Foundation Center for Integrated Support for Persons with Disabilities (FUNAD), the Youth Education room and Adults (EJA). Aiming at a meaningful learning of the learner, in this paper we propose as interventional instrument storytelling, emphasizing the visual aid as the main facilitator in the learning of deaf pupils users Brazilian Sign Language (Libras). We understand that the visual work as a tool to teach is the basis for learning happen naturally so that the deaf subject processes information in a clear and objective way then is the basis for bilingual education in the classroom. The overall objective of the research is to verify the relevance of the image representation in the story-telling: There are figurines, the author Claudia Werneck.

Keywords: Deafness. Storytelling. Educational psychology. Visual appeal.

AGRADECIMENTOS

A Deus por seu cuidado e proteção, por ter me dado força nos momentos de dificuldade.

Meu agradecimento aos amigos Marcos Cristiano, Juan Apolinário, Maria Silva, Iris Rafaelle, Stella Laís, Beatriz de Almeida, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação acadêmica e que irão continuar presentes em minha vida, pois são todos como estrelas na terra para mim, me trouxeram luz em momentos de escuridão.

A minha família pelo amor e incentivo incondicional, sem vocês nada disso teria valor.

A minha orientadora Edneia Alves, pelo suporte nas correções no pouco tempo que lhe coube.

A minha avaliadora Monica Dias, por sua prestatividade e apoio, humildade e simplicidade.

Gratidão a todos que de alguma forma contribuíram para que concluísse mais uma etapa da minha vida.